

Trilogia:

Os Filhos das Estrelas

© 2016 — Maria Teodora Ribeiro Guimarães

Trilogia
Os Filhos das Estrelas

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação —, sem permissão, por escrito, do Editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

Trilogia: Os Filhos das Estrelas
ISBN 978-85-7618-358-7 — 1ª Edição: 2016
• Impresso no Brasil • Presita em Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 - 7057)

Guimarães, / Maria Teodora Ribeiro
Trilogia: Os Filhos das Estrelas : um olhar para o passado / Maria Teodora Ribeiro Guimarães ; ilustrações de Antonio Teodoro Guimarães. - Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2016.
(Pequenos e notáveis)
790 p. : il.

ISBN 978-85-7618-358-7

1. Terapia de vida passada 2. Reencarnação - estudo de casos 3. Espiritualidade 4. Regressão I. Título. II. Guimarães, Antonio Teodoro II Série

16-0162

CDD 133.95

Índice para catálogo sistemático:
1. Reencarnação

Maria Teodora Ribeiro Guimarães

Trilogia:
Os Filhos das Estrelas

1ª edição
2016



PEQUENOS E NOTÁVEIS
O livro de bolso da Conhecimento



Coleção "Pequenos e Notáveis" o livro de bolso da Conhecimento.

Títulos publicados:

- Vol. 1 • O Castelo Encantado
- Vol. 2 • Trilogia — Sob Império das Trevas:
O Terrível Fantasma (livro 1)
No Castelo Escocês (livro 2)
Do Reino das Trevas (livro 3)
- Vol. 3 • Ksenia
- Vol. 4 • O Paraíso sem Adão
- Vol. 5 • Episódio da Vida de Tibério
- Vol. 6 • Narrativas Ocultas
- Vol. 7 • Mistérios e Magias do Tibete
- Vol. 8 • Nefertiti
- Vol. 9 • Trilogia — Os Filhos das Estrelas:
Viajantes (livro 1)
Tempo de Amor (livro 2)
Os Filhos das Estrelas (livro 3)
- Vol. 10 • Elucidações do Além

| Apresentação

Fui surpreendida por meu sempre inspirado editor com a ideia de lançar estes livros numa trilogia neste formato. Embora não tenha compreendido a razão maior num primeiro momento, logo percebi como determinados assuntos precisam, não apenas ser relembrados, como ser cada vez mais acessíveis.

Neste difícil momento que a humanidade atravessa observamos como as pessoas buscam de forma incessante um entendimento da razão de suas existências e, principalmente, de suas vicissitudes. Por que as dores nos afligem de forma tão implacável?

Há pouco tempo participei de um seminário sobre as dores humanas e enquanto falava das dores emocionais sob o ponto de vista reencarnacionista e com embasamento na terapia de vida passada, era fácil notar os olhos brilhantes de muitas pessoas, que enxergavam a si mesmas em cada detalhe apresentado; muitos sorrisos ansiosos denotavam uma ponta de esperança. Refletindo sobre as ideias de meu sábio amigo sobre este livro de bolso, a lembrança daquela tarde se tornou recorrente, me fazendo perceber que este instante conturbado pedia que palavras antigas pudessem ressoar novamente na mente das pessoas.

Pensando sobre o ponto de vista do modelo espiritualista, na caminhada do homem sobre a Terra não é difícil notar que cada um foi escolhendo seu caminho. Fomos nos acostumando, nos especia-

lizando, de vida para vida, a agir desta ou daquela maneira para sobreviver e resolver as coisas. Essa tendência muito nos prejudicou, pois nas horas de dor ou de contrariedade nos refugiávamos, quase sem pensar, em determinados padrões de comportamento, o que só fez que repetíssemos os mesmos erros, outra e outra vez. E tudo isso foi moldando nosso temperamento, nosso caráter, até os dias de hoje, obrigando-nos, de tempos em tempos, a providenciar vidas que nos permitissem fazer grandes mudanças. E nessas vidas as mudanças, às vezes, eram mais fáceis através daquilo que se convencionou chamar de carma.

Nossa maior dificuldade, no entanto, sempre foi a tendência de nos sentirmos vitimados quando esse carma nos parece pesado demais. E então, irritados e frustrados, não conseguimos transformar as pedras de nosso caminho em oportunidades de aprendizado. Se tivéssemos compreendido essas coisas antes, não teríamos nos entregado tantas vezes para intermináveis lamentações; e, além disso, estaríamos sempre felizes pelas novas chances.

Também não é difícil notar que tem muita gente fazendo ainda hoje o que nós fizemos ontem. Cada espírito tem sua história e eu gosto muito de pensar que se parássemos, um pouco que fosse, de nos queixar, perceberíamos que as pessoas podem até ser solidárias com aquilo que achamos ser nossa dor e até mesmo segurar as nossas mãos, mas ninguém jamais vai poder passar por ela em nosso lugar. Sabiamente, a instituição dor é pessoal e intransferível. E então, não adianta nada ficarmos nos lamuriando.

No final das contas, o que procuramos mesmo é a felicidade e como ela não é nada mais do que uma palavra, precisamos saber do que ela se trata

e como identificá-la. Descobri que seu parâmetro mais compreensível é a alegria; aquela alegria serena que indica que em nossos corações já habita o perdão, a resignação, a brandura e a fé. Essas coisas estranhas que serviam de resposta quando meu cliente perguntava quando teria alta. Se sua reação fosse um resmungo emburrado seguíamos com a terapia.

O perdão é mais facilmente conquistado quando olhamos para os lados hoje em dia ou quando olhamos para trás, para nossas vidas passadas e conseguimos ver as coisas que nós mesmos já fizemos para os outros e as dores que já patrocinamos. Nesta altura, ante os males que já causamos, estes dos quais tanto nos queixamos, via de regra parecem de menor importância.

A conquista da capacidade de perdoar ou pedir perdão, ajuda muito para que se consiga dar o passo seguinte, que é a resignação, que nada mais é que a capacidade de entender que nem tudo pode ser do jeito que sonhamos ou queremos. À falta de resignação damos o nome de prepotência; aquela mesma que na maioria dos processos terapêuticos vimos tantas vezes ser a causa do fracasso absoluto de nossos personagens. Parece que a prepotência é mesmo o grande mal da humanidade. A resignação nos faz compreender que nem tudo pode e deve ser mudado, o que nos leva para um estado de tranquilidade, pois deixamos de gastar nossas preciosas energias batendo a cabeça na parede querendo coisas impossíveis, sobrando mais tempo para sermos mais felizes. Essa tranquilidade se traduz por um comportamento brando e compreensivo, ou ao menos, não beligerante. Irritamo-nos, discutimos e brigamos demais, inutilmente.

E finalmente a fé, que nada mais é que uma

somatória disso tudo, pois muito diferente de ser uma dádiva dos deuses, como pensam alguns ou ainda uma coisa meramente religiosa, ela é um exercício de inteligência, na medida que aprendemos a considerar todos esses fatores. Traduz-se naquela capacidade de compreendermos que tudo aquilo que nos acontece em determinado momento é, provavelmente, o melhor para nós naquele exato instante. Estranhas palavras na boca de uma pessoa de ciência. É possível que alguém diga que essas palavras ficassem melhor em textos religiosos. Penso hoje em dia que as ciências que estudam a mente humana, assim como as religiões, convergem para as mesmas coisas, como, por exemplo, a busca do amor desinteressado e da paz interior.

Passsei quase uma década de minha vida num sério e esforçado trabalho profissional sem, todavia, nunca ter curado ninguém.

Esse foi o tempo que levei para me curvar às evidências de que precisava colocar na minha medicina as convicções que o aprendizado de toda uma vida tinha trazido ao meu coração. Evidências de um tempo perdido atrás de pomposas mesas, enormes compêndios de psicofarmacologia e debates inócuos em muitos e muitos congressos, onde, muitas vezes, o direcionamento objetivo pela cura do cliente passava ao largo e o que predominava era quase uma disputa, movida pelo desejo dos facultativos de impor seus pontos de vista, algumas vezes carregados de preconceitos. Como cientistas, antes de negar uma verdade apenas porque ela não condiz com nosso sistema de crenças, temos que nos colocar à disposição da observação atenta e comprometida unicamente com o objetivo de curar. Já se foi o tempo que a palavra cura em psiquiatria era proibida.

Que nenhum psiquiatra ou psicólogo pense que poderá cuidar de seus pacientes se não entender primeiro o seu próprio coração, pois se não puder fazer uso dele em sua terapêutica, estará, com sua frieza diplomática e indiferente, transformando meias verdades, que muitas vezes são boas apenas para si próprio ou para alguns, em verdades absolutas, fazendo então muito menos daquilo que veio para fazer. Decerto não estamos aqui ou ali por acaso.

Aquele aprendizado de vida dizia respeito, especialmente, à hipótese da reencarnação, que sempre me veio à mente como uma explicação razoável para as mazelas e dores do ser humano; seres iguais a mim, que certamente não foram amaldiçoados pelos céus ou por seus pais, estas pobres criaturas que a psicologia costuma culpar por tudo que nos acontece de ruim. Gostamos muito de determinar um responsável externo pelas situações dolorosas que sofremos de forma tão pungente: nossas fobias, tristezas, angústias e tudo o mais de que se compõem esse enorme repertório que é a dor.

É mais que tempo das pessoas se libertarem de seus preconceitos e pensarem na vida como algo importante demais para durar apenas uns poucos anos; vida para onde todos retornamos com oportunidades semelhantes, apenas vestidos com fantasias diferentes, de tempos em tempos. E neste modelo espiritualista, a vida é de onde saímos para alçar voos mais altos após a morte e conhecer suas outras dimensões, o que nos possibilita então, desprovidos de nossos disfarces, a grandiosidade de conhecer a verdadeira face de nós mesmos, pois iremos habitar com nossos assemelhados, que nos servirão de espelho.

É mais que tempo também de pararmos de

jogar nas mãos do destino a conquista da felicidade. A conquista da tal felicidade não é tarefa para algumas dezenas de anos, mas para alguns milhares de dezenas de anos; cada um de nós vem tendo centenas de chances de chegar lá, não tendo ninguém, portanto, nada a reclamar.

Muito mais que pensar em lógica quando falo de reencarnação como um preceito também científico, penso no maravilhoso entendimento que isso traz à psiquiatria e à psicologia, ciências paradas no tempo no que se refere à etiologia da dor emocional do espírito humano. Esse mesmo espírito que vem através de épocas imemoriais tentando chegar à luz; esse plano de luz, que talvez se forme a partir da vibração amorosa de cada coração cansado e sedento de esperança, onde certamente estão os lugares onde outras almas, que já descobriram a capacidade de amar sem egoísmo, já chegaram há muito tempo.

Através da terapia de vida passada podemos acessar informações, tanto as passadas na matéria como na espiritualidade, que nos permitirão reprogramar nossas mazelas através do crivo de nossa inteligência. Se engana quem pensa que nossas dores emocionais se resolvem através de outras tantas catarses ou achismos generalistas. É fácil para nossa consciência identificar suas próprias verdades.

Lentamente, através dos séculos, nossos espíritos vêm aprendendo a andar pelos difíceis caminhos da vida; ora nos arrastamos nos movediços pântanos do mundo espiritual, prisioneiros de nossos impensados atos e compartilhamos os infernos astrais criados por uma legião de seres infelizes ou cruéis; ora nos esgueiramos aqui e ali pelos sórdidos becos destinados aos infelizes da Terra ou ainda partilhamos a mesa dos poderosos ajuizadores dos

destinos alheios, perdendo-nos, sucessivamente, pelas levas de maldade e egoísmo que povoaram o planeta nas diversas épocas, desde sempre.

Caminhamos também pelas estradas acidentadas e intransponíveis de nossas muitas vidas perdidas, transformando personagens corajosos, nascidos para vencer as barreiras do perdão, em vítimas desamparadas e mergulhadas na desesperança ou em carcereiras de si próprias nos calabouços da vingança.

Tivemos que mergulhar na mais profunda dor para começar o árduo caminho da volta, que poderá conduzir-nos um dia para a luz. Não, ainda não chegamos lá, mas começamos a perceber ao longe os raios luminosos que já aquecem nossos corações com o cântico da esperança de uma felicidade perene, que tão duramente procuramos desde o princípio.

E quando terá sido este princípio? Através de histórias ancestrais, como as contadas no volume dois desta trilogia, Tempo de Amar, pudemos vislumbrar que o tempo parece realmente não existir; seria impossível para muitos daqueles espíritos não terem trilhado anteriormente diversos outros caminhos. Se assim não fosse, de onde teriam trazido toda aquela impressionante cultura que floresceu por todo o planeta, dando saltos em sua evolução.

Acredito, até mesmo pelos fantásticos relatos de muitos clientes, incluindo o protagonista do volume três desta trilogia, Os Filhos das Estrelas, que a origem do homem sobre o planeta está em outros mundos, outras moradas, muito distantes daqui, para onde viemos na expectativa de retomar o caminho perdido. Este mesmo caminho que agora estamos reencontrando, depois de todo um mar de lágrimas derramadas no solo árido de nossa jornada.

Quantas etapas teremos ainda que vencer e quantos mundos teremos que habitar para que possamos, finalmente, compreender que o caminho correto sempre esteve à nossa porta? Sim, porque parece que nunca nos enganamos na escolha de nossos personagens, dos lugares onde nasceríamos e de quem nos ampararia em nossos primeiros passos. Cada vida foi cuidadosamente planejada para que não nos afastássemos demais de nosso objetivo final. Nós mesmos, no entanto, na medida em que nos rebelávamos e nos esquecíamos, fomos providenciando os atalhos que, sistematicamente, nos empurraram para dentro de um labirinto de difícil saída, que a cada volta na roda das existências, nos afastava um pouco mais da meta traçada.

Terminamos sempre, mais cedo ou mais tarde, é claro, resgatados das armadilhas perigosas desse labirinto, pois de outra forma nem estaríamos aqui. O problema é que a cada vez, uma vida alternativa tinha que ser planejada para que pudéssemos recuperar o tempo perdido, como vimos nas várias vivências de um mesmo indivíduo relatadas no volume dois. Vidas onde pudemos vir em situações com menos riscos de queda e outras, onde nos colocávamos à prova, em circunstâncias mais difíceis e que tinham tudo para que viéssemos a tropeçar novamente.

Valentes guerreiros, imperadores sanguinários, simples donas de casa, bruxas ou magos negros, cavaleiros medievais, sacerdotes de todos os tipos, sofridos escravos, bandidos sorruteiros, poderosos donos de terras, mulheres abandonadas ou carcereiros. Fomos e fizemos de tudo. Por consequência matamos e fomos mortos. Fomos vítimas e também algozes. Mas também simples observadores negligentes e omissos.

Certa ocasião, para o espanto de um de meus grupos de alunos em formação, eu disse que talvez ninguém precisasse fazer terapia de vida passada para saber o que foi ou o que fez no passado e quais lições ainda restavam ser aprendidas. Bastava que observasse com honestidade seu temperamento, seus defeitos, suas tendências e seus hábitos e também suas dores. Naturalmente esse é um tempo que ainda virá na evolução da humanidade. Por enquanto ainda preferimos culpar a vida e os outros.

A terapia de vida passada não é um tribunal de acusações. É apenas uma oportunidade de conscientização e libertação através do abandono dos antigos padrões. Toda dor se sustenta em um hábito negativo. E como nenhum acontecimento jamais se perdeu, cada instante estará gravado e disponível para sempre na eternidade. Cabe exclusivamente a nós, portanto, a reprogramação de nossas vidas.

Maria Teodora R. Guimarães
Verão de 2015

Trilogia: Os Filhos das Estrelas

Livro 1

Viajantes

Histórias que o tempo conta

Outras obras da autora:

Terapia de vida passada

Curso de formação de terapeutas – vol. I
Editora do Conhecimento

Terapia de vida passada

Curso de formação de terapeutas – vol. II
Editora do Conhecimento

Terapia de vida passada – autores diversos

Uma abordagem profunda do Inconsciente
Summus Editorial

Viajantes - Histórias que o tempo conta

Editora do Conhecimento

Tempo de amar – A trajetória de uma alma

Editora do Conhecimento

Os Filhos das Estrelas – Memórias de um capelino

Editora do Conhecimento

Apometria Hoje – autores diversos

Coletânea de artigos
Editora do Conhecimento

Terra dos Ay-Mborés

A saga dos últimos atlantes na Terra das Estrelas – o Baratzil

Editora do Conhecimento

Umbanda Um Novo Olhar

O que todo espiritualista gostaria de saber

Editora do Conhecimento

Egito Eterno

O legado dos deuses
Editora do Conhecimento

Tive a felicidade de conhecer nesta vida vários companheiros de outras vidas; trabalhamos juntos e tentamos caminhar para a luz.

A viabilização desta obra, no entanto, só se tornou possível graças à incessante e dedicada cooperação, “sem hora para terminar”, de nossa amiga e também terapeuta de vida passada, Maria Aparecida Siqueira Fontana (Cida).

Ao meu irmão Antonio Teodoro, querido amigo
de vidas passadas, cujo amor fortalece e renova
a certeza da fraternidade.

... “Se esbravejássemos e chorássemos menos; se nos fizéssemos menos de desentendidos; se nos ofendêssemos menos e se, finalmente, fingíssemos menos que não percebemos os sinais do passado em nós, com certeza não precisaríamos apanhar tanto da vida, ou melhor, das vidas, pois o que temos visto é que carregamos para frente não apenas as marcas do passado, mas também as marcas de nossa teimosia...”

